

A "REALIDADE" APARECE DIFERENTE SEGUNDO A ESCALA DAS CARTAS, SEGUNDO OS NÍVEIS DE ANÁLISE

Em minha concepção é aí que se situa, dissimulada atrás de práticas totalmente empíricas, que se apresentam freqüentemente como comodidades pedagógicas, um dos problemas epistemológicos primordiais da geografia. De fato, as combinações geográficas que podem ser observadas em grande escala não são aquelas que podem ser observadas em escala pequena. A técnica cartográfica chamada de "generalização", que permite levantar uma carta em escala menor de uma "região" a partir de cartas em grande escala que a representam de modo mais preciso (mas cada uma para espaços menos amplos), deixa acreditar que a operação consiste somente em abandonar um grande número de detalhes para representar extensões mais amplas. Mas como certos fenômenos não podem ser apreendidos se não considerarmos extensões grandes, enquanto outros, de natureza bem diversa, só podem ser captados por observações muito precisas sobre superfícies bem reduzidas, resulta daí que a operação intelectual, que é a mudança de escala, transforma, e às vezes de forma radical, a problemática que se pode estabelecer e os raciocínios que se possa formar. A mudança da escala corresponde a uma mudança do nível da conceituação.

A combinação de fatores geográficos, que aparece quando se considera um determinado espaço, não é a mesma que aquela que pode ser observada para um espaço menor que está "contido" no precedente. Assim, por exemplo, aquilo que se pode observar no fundo de um vale alpino e os problemas que podem ser colocados a propósito desse espaço e das pessoas que aí vivem, diferem daquilo que se vê quando se está sobre um dos picos e essa visão das coisas se transforma quando se olham os Alpes de avião, a 10.000 metros de altitude.

Um mesmo geógrafo pode proceder a um estudo dos problemas de uma aldeia africana, à análise da situação de uma região onde tal aldeia se encontra, ao exame dos problemas a nível do Estado onde ela se inscreve, e à apreensão do "subdesenvolvimento" ao nível do conjunto do "Terceiro Mundo"; esse geógrafo terá de fato discursos bem diferentes (nem que seja só pelo vocabulário) que nem sempre se remetem uns aos outros, parecendo mesmo ser excludentes em vários pontos. Tomemos um último exemplo, cujo significado será talvez menos percebido, pois as alusões serão mais facilmente relacionadas a experiências familiares, num conjunto do qual atingiremos a diversidade dos aspectos pela prática social: cada vez se fazem mais referências às "realidades urbanas" tomadas como um conjunto global (onde os "fatores físicos" não devem ser esquecidos, não somente naquilo que se refere aos sítios, mas sobretudo, e cada vez mais, aos problemas de "poluição"). Contudo, esses aparecem de maneira bem diferente, segundo se observa em grande escala, ao nível do grupo de imóveis (como foi ele escolhido? Onde se encontra?), do bairro (qual?), ou se considere somente o centro da cidade, o conjunto da cidade ou a aglomeração com os subúrbios mais ou menos extensos, ou ainda, se considerarmos em escala pequena esse conjunto urbano no quadro de sua "região" (a qual pode ser considerada de maneira mais ou menos ampla) ou nas relações que ele mantinha com outras cidades, mais ou menos distanciadas.

Posto em prática desde há uns quinze anos pelos geógrafos, esse estudo das relações interurbanas dessas "redes urbanas", que é preciso recolocar num quadro nacional e internacional, modificou e enriqueceu consideravelmente a problemática que se aplicava aos bairros centrais e reciprocamente. Cada um desses diferentes níveis de

análise que se pode distinguir, desde a maior até a menor escala, não corresponde somente à consideração de conjuntos espaciais mais ou menos amplos, mas também à definição das características estruturais que permitem delimitar-se os contornos.